

Marko I. Rupnik



«De acordo com o cristianismo, há cerca de dois mil anos atrás, a Páscoa foi enriquecida e adquiriu a sua plenitude. Jesus, o Filho de Deus Pai, é enviado ao mundo, para trazer a boa nova de que a libertação dos pobres e oprimidos, finalmente, ia tornar-se uma realidade definitiva (Lc 4,18-19). Porém, esta sua ousadia de anunciar uma boa nova para os pobres e oprimidos, de anunciar a chegada definitiva do reino de Deus, não foi bem aceite pelo poder religioso e político. Por esta razão, Jesus foi acusado de ser subversivo (Lc 23,2), foi perseguido, torturado, assassinado e colocado num túmulo».

a subversiva Páscoa cristã

A **Páscoa** é uma festa típica do hemisfério norte do nosso planeta. As suas origens remontam a antigas culturas agrárias e pastoris que celebravam a chegada da primavera, a estação das flores. Com a chegada da primavera, no hemisfério norte, o ambiente muda: o frio vai, aos poucos, diminuindo, os dias tornam-se mais longos, o calor aumenta, a terra começa a germinar, produzindo flores e alimentos.

Neste contexto, o movimento dos povos nómadas, que deu origem ao Israel bíblico, associou a festa da Páscoa a uma experiência de libertação. Houve tribos que atravessaram o rio Jordão e se instalaram na região de Canaã, a “terra prometida” a Abraão (Ex 13,3-10). A chegada à tão sonhada terra onde “corria leite e mel” (Ex 3,8), foi precedida de muitas lutas contra poderes opressores, - representados pelo Egito -, que pretendiam escravizar esses povos. Nesta luta, as pessoas vivenciaram a experiência profunda de um Deus libertador que ouviu os seus clamores, que desceu até elas, cheio de compaixão e inteirando-se dos seus sofrimentos, que tomou partido e decidiu retirá-los da opressão, dando a estes “sem-terra” um terreno fértil e espaçoso (Ex 3,7-10). Assim, a festa da chegada da primavera tornou-se, para estas tribos, o memorial da intervenção divina, a ser celebrado “como um

rito permanente, de geração em geração” (Ex 12,14).

De acordo com o cristianismo, há cerca de dois mil anos atrás, a Páscoa foi enriquecida e adquiriu a sua plenitude. Jesus, o Filho de Deus Pai, é enviado ao mundo para trazer a boa nova de que a libertação dos pobres e oprimidos, finalmente, ia tornar-se uma realidade definitiva (Lc 4,18-19). Porém, esta sua ousadia de anunciar uma boa nova para os pobres e oprimidos, de anunciar a chegada definitiva do reino de Deus, não foi bem aceite pelo poder religioso e político. Por esta razão, Jesus foi acusado de ser subversivo (Lc 23,2), foi perseguido, torturado, assassinado e colocado num túmulo. Mas, para surpresa geral de todos, inclusive dos membros do seu grupo de discípulos e de discípulas, o profeta Jesus não permaneceu no sepulcro: ressuscitou e venceu a morte. Os seus seguidores foram se convertendo, aos poucos, e convencendo-se de que ele continuava vivo no meio deles. Passaram a senti-lo bem presente e atuante na pequena comunidade. Tal experiência deu-lhes força para abandonarem todo e qualquer medo, e para retomarem a missão do Mestre, continuando a anunciar a Boa Nova da libertação “até os confins da terra” (At 1,8). Aos poucos, esta experiência fantástica foi sendo associada à celebração da

Páscoa, de modo que, já no tempo das comunidades cristãs do Novo Testamento, a Páscoa passou a ser o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Esta rápida memória histórica da Páscoa permite-nos perceber que, por trás deste grande evento, estão alguns elementos significativos. Em primeiro lugar a primavera, com a chegada das flores, da luz, do calor e com o pré-anúncio de uma possível boa colheita. Em segundo lugar, a experiência da libertação realizada por Javé, e vivida pelas tribos que se uniram para caminhar na direção de uma terra prometida. Nesta experiência é significativa a decisão de um deus de se colocar ao lado dos escravos e dos sem-terra, coisa impensável no contexto de então, uma vez que, naquela época, os deuses estavam sempre ao lado dos grandes e poderosos. Por fim, a Páscoa na sua plenitude, quando Jesus se apresenta como o libertador definitivo que anuncia o projeto de Deus, orientado dum modo especial para os pobres, os oprimidos, os excluídos e os rejeitados pela sociedade. Por esse motivo ele é assassinado, mas, pelo poder de Deus Pai, quebra os laços da morte e permanece vivo, animando os seus discípulos e discípulas, e convidando-os a continuarem a sua missão (Mt 28,16-20).

A Carta aos Colossenses afirma

que a pessoa cristã já vive como ressuscitada e, como tal, é convidada a comprometer-se com ações que expressem o essencial dessa condição, que é a prática do amor ao próximo (Cl 3,1-17). O que nos autoriza a dizer que a celebração da Páscoa cristã, enquanto memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus, precisa de ser traduzida em atos e gestos concretos de amor ao próximo, característica única e fundamental da identidade do discípulo e da discípula de Jesus (Jo 13,15).

Assim sendo, a celebração da Páscoa deve ser uma verdadeira primavera, que expulse todo e qualquer mofo e frieza da Igreja, e a faça pulsar de vitalidade e de acolhimento da vida. Não há lugar para uma celebração da Páscoa num contexto de rigidez e de falta de misericórdia, num ambiente em que as leis e as normas estão acima da vida das pessoas (Mc 3,1-5). Não haverá Páscoa de Jesus numa Igreja que condena e discrimina certos filhos e certas filhas de Deus; que reserva os bancos dos seus templos para aqueles que se autoproclamam perfeitos e merecedores do céu. Além disso, a Páscoa deve ser a festa da libertação dos pobres e dos oprimidos. E não se trata, apenas, de uma falsa libertação “espiritual”, cuja recompensa é uma vida futura, programada para depois da morte. Trata-se, como nos mostra a

experiência do Êxodo, de uma libertação a ser realizada aqui, nesta terra. Uma libertação que inclui terra, casa, comida, emprego, saúde, escola, etc. E para celebrar esta Páscoa, os cristãos e as cristãs, tal como Javé, precisam de ver a opressão, de descer até ao submundo dos pobres, de sentir o cheiro da pobreza, de tocar com os pés e as mãos os sofrimentos dos injustiçados e excluídos, e de se manterem comprometidos com as suas lutas por dias melhores (Ex 3,7-10).

Celebrar a Páscoa cristã é percorrer o caminho perigoso de Jesus, é tornar-se subversivo com ele e como ele, aceitando pagar o preço da perseguição, da calúnia e, até mesmo, da morte, para ficar do lado dos pobres e dos excluídos. Para celebrar a Páscoa verdadeira de Jesus, não basta deixar-se ficar a repetir a doutrina abstrata do Catecismo da Igreja Católica. É preciso que o ensinamento dessa doutrina crie “a revolta entre o povo” (Lc 23,5), ou seja, que incomode tanto o poder religioso como o poder civil, devolvendo às pessoas a consciência crítica que as leve a ver as coisas como elas realmente são. Não pode ser cristã uma Páscoa celebrada por quem, por omissão, fecha os olhos face às ditaduras, aos torturadores, aos injustiçados, com medo de sofrer e

de morrer como Jesus morreu. Não celebra a Páscoa cristã, quem se torna insensível aos sofrimentos humanos, e nada faz para denunciar a exploração dos mais pobres pelos ricos e poderosos deste mundo (Tg 5,1-6).

Para os cristãos e as cristãs a Páscoa é a festa da vida, a celebração da vitória de Jesus sobre o sofrimento e a morte. Por isso, é a festa por excelência da alegria e da esperança. Mas todas as alegrias, festas, aleluias, exultações serão mentirosas e falsas, se, antes de mais, não forem uma purificação do mofo eclesiástico, um compromisso com a libertação dos pobres, uma subversão da ordem estabelecida, um tomar o partido dos pequenos e dos simples. Neste momento em que ainda pairam muitas nuvens carregadas sobre a Igreja Católica, em que precisamos de respostas para tantas perguntas inquietantes, torna-se urgentíssimo celebrar a Páscoa em moldes verdadeiramente cristãos. Se não seguirmos o percurso da Páscoa bíblica, ficaremos, apenas, com a páscoa consumista, mesmo que ela seja celebrada em templos religiosos e cheia de incenso e de gritos de aleluia e de glória. “Já que aceitaram Jesus Cristo como Senhor, vivam como cristãos”, ou seja, “vistam-se com o amor, que é o laço da perfeição” (Cl 2,6; 3,14).

JOSÉ LISBOA MOREIRA DE OLIVEIRA (1956-2015). Filósofo, teólogo, escritor.
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518760-a-subversiva-pascoa-crista>



Requiem

de Gabriel Fauré

Minha Princesa de mim:

GABRIEL FAURÉ (1845-1924), compositor francês, foi mestre de capela na igreja da Madalena, em Paris. Gosto de o pensarsentir como um agnóstico de alma profundamente religiosa, e talvez seja no seu **Requiem** que ele assim tal qual mais se revela. Li alguns - não me recordo de onde nem quando - a notícia de que essa obra foi executada pela primeira vez na própria igreja da Madalena, nas exéquias de um paroquiano. No final, o pároco perguntou a Fauré que peça era aquela, pois não a conhecia. O compositor respondeu que era uma missa de requiem sua, o que lhe valeu uma reprimenda e a injunção de não voltar a repeti-la ali, pois no acervo da Madalena já havia coisas dessas em número suficiente... Por outro lado, sei que a primeira intenção de Fauré foi comemorar a morte do pai, terminando a primeira versão da obra já para acompanhar a morte da mãe, dois anos mais tarde. Digo-te isto por sentir que a mansidão da música desta encomenda de almas se inspira muito na devoção de um amor filial.

É verdade que, como muito bem aponta Lionel Salter na apresentação

do registo da peça na EMI (entre os *Great Recordings of the Century*), interpretada pela Orchestre de la Société des Concerts du Conservatoire e os Choeurs Elisabeth Brasseur, sob direção do belga André Cluytens, e com os solistas Victoria de los Angeles (soprano espanhola) e Dietrich Fischer Dieskau (barítono alemão), este Requiem se afasta muito dos *modelos clássicos, de Mozart a Cherubini, da ênfase teatral do Requiem dramático de Verdi, em que o homem tremendo de terror fala, balbuciando, em morte eterna, e sobretudo da visão apocalíptica grandiosa de Berlioz, com as suas "fanfarras fulminantes"...* O próprio Gabriel Fauré disse, em carta a um amigo, que *o meu Requiem é tão meigo como eu. O meu Requiem... já alguém disse que ele não exprime o susto da morte, já lhe chamaram uma cantiga de embalar a morte. Mas é assim que sinto a morte: como feliz libertação, aspiração à felicidade do além, mais do que um trânsito doloroso.* Compreendo Fauré: todo ele, pensossinto eu, se exprime essencialmente nessa prece pelo descanso do coração na mão de Deus, na sua mão direita, como sonhou o nosso Antero, e que o breve

Pie Jesu exprime: *Pie Jesu, Domine, / dona eis requiem. / Pie Jesu, Domine, / dona eis requiem sempiternam*. Escuto hoje esse sereno pedido de ternura («piedoso Jesus, Senhor, dá-lhes descanso, / misericordioso Jesus, Senhor, dá-lhes eterno descanso») na voz de Victoria de los Angeles e, já noutra registo, nas dos meninos do Choir of New College de Oxford, sob a direcção de Edward Higginbottom (ERATO). Na verdade, fui buscar ambos os discos, para me acompanharem na reflexão sobre a primeira das *Cinq méditations sur la mort - autrement dit sur la vie*, de François Cheng (Albin Michel, Paris, 2013). A morte, afinal, terá o mérito de – traduzo-nos *levar a tomar consciência do que é, na essência, a noção de vida. Vem-nos ao espírito uma palavra que parece caracterizar essa noção: a palavra «devir». Sim, é isso a vida: algo que advém e que devém. Logo que vinda, entra em processo de devir. Sem devir, não haveria vida: a vida só é vida enquanto devir. A partir daí, compreendemos a importância do tempo. É no tempo que aquilo se passa. Ora, é precisamente a existência da morte que nos confere o tempo. Vida-tempo-morte: eis um todo indissociável, a não ser que seja morte-tempo-vida. Façamos os malabarismos que quisermos, não conseguiremos escapar a essas três entidades concomitantes e cúmplices, que determinam qualquer fenómeno vivo. Pois se o tempo nos parece um terrível*

devorador de vidas, ele é simultaneamente o seu grande fornecedor. Sujeitar-nos ao seu domínio é o preço que temos de pagar para entrar no processo do devir. Esse domínio manifesta-se por incessantes ciclos de nascimentos e de mortes; fixa a condição trágica do nosso destino, condição essa que também poderá ser fundação de uma certa grandeza.

Nesse sentido, para o sino-francês François Cheng, refugiado em França aos vinte anos, sem saber uma palavra da língua local, hoje membro da Académie Française, poeta e pensador que respira uma espiritualidade alimentada de taoísmo e cristianismo (que descobriu, anos depois de chegar à Europa, em Assis, pelo exemplo da São Francisco), a morte corporal, que tanto nos angustia e assusta, *pode revelar-se como a dimensão mais íntima, mais secreta, mais pessoal, da nossa existência. Pode ser esse núcleo de necessidade à volta do qual a vida se articula. Neste sentido, é mesmo revolucionário o **Cântico das Criaturas** de S. Francisco de Assis, que à morte corporal chama «nossa irmã». Abre-se-nos então uma mudança de perspectiva: em vez de encararmos a morte como um espantinho, a partir deste lado da vida, poderíamos encarar a vida a partir do outro lado, que é a nossa morte. Nessa postura, enquanto estivermos em vida, a nossa orientação e os nossos actos serão*

sempre impulsos para a vida.

O mesmo Cheng conta, no seu opúsculo *Assise - une rencontre inattendue* (Albin Michel, Paris, 2014) como, em 1971, no momento em que se naturalizava francês, teve o *privilégio* de escolher um nome próprio: François. *É certo que tal nome tem o condão de significar «francês», minha nova cidadania. Mas a razão mais determinante foi que, dez anos antes, em 1961, me tinha encontrado com o irmão universal que todo o Ocidente conhece, e no qual qualquer ser, mesmo vindo de longe, se pode reconhecer: Francisco de Assis.*

O autor deste encantador livrinho, Princesa de mim, que te aconselho a ler, fez questão em publicá-lo anexando-lhe o *Laudato si' ...* esse canto franciscano das criaturas, que acaba assim:

*Lowado sejam, meu Senhor,
pela nossa irmã, a Morte corporal,
a quem nenhum homem vivo pode escapar.*

*Infelizes os que morrem
em pecado mortal;
felizes aqueles que ela surpreende
a fazer a tua vontade,
pois não lhes será ruim segunda
morte.*

*Lowai e bendizei o meu Senhor,
dai-lhe graças
e servi-o com toda a humildade!*

Fiz esta tradução da versão francesa de François Cheng, por dele falarmos agora. Lembro-me todavia de já te ter enviado outra minha versão para português, essa

diretamente feita do dialeto úmbrio original, em que foi composto o *Laudes Creaturarum* – ou *Cantico di Frate Sole*, assim chamado por virtude da 2ª estrofe (versos 5 a 9) – provavelmente em 1224-25, em São Damião (Assis), onde Cheng também se demorou, 736 anos depois. Para ilustrar o que se diz a seguir, deixo-te hoje, sem tradução, essa estância, como São Francisco a cantou:

*Laudato sie, mi' Signore, cum tucte
le tue creature,*

*Spetialmente messor lo fratre sole,
Lo qual'è iorno, et allumini noi per
lui.*

*Et ellu è bellu e radiante cum grande
splendore:*

*De te, Altissimo, porta
significatione.*

Pelos vistos, Princesa de mim, o nosso Sto. António não teria tido grande dificuldade em traduzir o seu português alfacinha para um dialeto italiano... Quiçá menos ainda em comungar nesse amor universal, divino, telúrico e humano. Já muitos autores observaram também como o texto franciscano «os laços que tece com a cultura latina, essa escrita ornamentada com rimas e assonâncias, poderosamente ritmadas pelo modelo dos salmos...» (Danielle Boillet) ou sublinharam, como Frédéric Ozanam (*Les Poètes franciscains en Italie au treizième siècle*, Paris 1882), o «valor humano e religioso deste texto». Traduzo:

*O poema de São Francisco é bem
curto, e todavia nele encontramos
toda a sua alma : a sua fraterna*

amizade das criaturas; a caridade que guiava esse homem humilde e tímido através das querelas públicas; esse amor infinito que, depois de ter procurado Deus na natureza e de o ter servido na humanidade sofredora, a mais não aspirava do que a encontrar a morte.

E é por este santo pobre de Deus que o intelectual, e também poeta, chinês, François Cheng verá em Jesus Cristo a Via (*dao*) do seu taoísmo de raízes milenares. A fechar esta carta, Princesa, traduzo-te um trecho significativo do *Assise - une rencontre inattendue*, onde, através dum chinês que escreve em francês também eu experimento um encontro meu que, louvado seja!, é sempre inesperado:

O que ele vê diz-lhe que, apesar de tudo, há sempre razão de lowor. E que outra coisa louvar, se não a própria Criação, com o esplendor do céu estrelado e a magnificência da terra fecunda, essa Criação que, certo dia, a partir do Nada, fez advir o Tudo? Ao louvar, vemos desenrolar-se todo o processo do advento, uma doação total, pela qual só podemos e devemos dizer o nosso reconhecimento. Ele reconhece o facto de que milagrosamente o Ser é, e de que graças a esse facto primeiro, ele mesmo, por minúsculo que seja, ele é. Ao louvar, mergulha totalmente no infinito, no Aberto. Sabe-se parte legítima de uma imensa aventura

em devir, a da Vida, com tudo o que ela comporta de desafios e paixões, de dores e de alegrias, de corridas para o abismo e de elevação para a transcendência. Os sofrimentos de cada um e de todos só podem ser ultrapassados no abandono constante à marcha da Via, a única que não nos trairá. Por experiência, Francisco sabe que o que move a aventura da Vida não se limita à potência material, antes é o próprio amor. Por isso, depois de ter louvado as criaturas, cada uma enquanto dom único, ele distingue em particular o destino humano: «Louvado sejas tu, meu Senhor, pelos que perdoam por amor de ti; que suportam provações e doenças; felizes os que se mantêm em paz, pois que, por ti, ó Altíssimo, serão coroados!»

Eis o que cantam os versos 23 a 26 do *Laudes Creaturarum*:
*Laudato si' mi' Signore, per quelli ke perdonano per lo tuo amore
Et sostengo infirmitate et tribulatione.
Beati quelli ke 'l sosterrano in pace,
Ka da te, Altissimo, sirano incoronati.*

Há muita vida, Princesa, para além da vanglória e do conforto, da desilusão e do pessimismo, de tudo o que afinal é esse individualismo tacanho que ensombra os nossos dias...

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira